O Significado da Experiência Naturista

Fernando Antônio Nascimento da Silva[1]

Resumo

Esta pesquisa propôs-se a investigar o significado da experiência naturista para praticantes do naturismo. Procuramos compreender os sentimentos e o sentido da experiência naturista e do seu compartilhamento com os outros adeptos. A metodologia se constituiu na aplicação de oito questões abertas: duas que denominamos "disparadoras", objetivando apreender as significações da prática naturista para os sujeitos; e seis que denominamos "contextualizadoras", que objetivavam acessar os respectivos contextos das experiências do naturismo. Concluímos que as respostas obtidas neste trabalho remetem à compreensão de que o significado da experiência naturista, para os entrevistados, consiste na ressignificação de valores e práticas, levando-os a uma mudança de atitude em relação a si, ao outro e à natureza.

Palavras-chaves: naturismo, nudez, nudez pública.

Résumé

Cette recherche se propose à étudier le signifié de l'expérience naturiste pour les praticiens du naturisme. Nous cherchons à comprendre les sentiments et le sens de l'expérience naturiste et de sa partage avec d'autres adeptes. La méthodologie a consisté dans l'application des huit questions ouvertes: deux que nous appelons "déclencheurs", qui visent à apprendre les significations de la pratique naturiste pour les sujets; et six que nous appelons "contextualisateurs", qui visent à accéder aux respectifs contextes de l'expérience du naturisme. Nous concluons que les réponses obtenues dans ce travail nous envoient à la compréhension de que la signification de l'expérience naturiste, pour les interviewés, consiste en la redéfinition des valeurs et pratiques, que les emmenent à un changement d'attitude par rapport à eux-mêmes, à les autres et à la nature.

Mots-clés: naturisme, nudism, nudité en public.

Introdução

A nudez é mobilizadora. Não raramente, provoca reações díspares: vergonha, excitação, indignação, prazer. No decorrer do processo civilizatório o ser humano tem

mantido uma relação ambígua com a sua nudez, de tal modo que a sua postura frente ao nu varia drasticamente conforme a época e o lugar: ora a pública nudez é aceita socialmente, ora é violentamente reprimida; pode servir como motivo de inspiração artística ou ser usada como mecanismo de punição ou humilhação.

Com efeito, esta relação é definida em função dos ditames morais, legais e estéticos vigentes em cada tempo e sociedade. Essa moral – que será entendida aqui como o conjunto de valores nos quais se assenta o sentimento de pudor – muitas vezes fundamento da lei, constitui-se recorrentemente, em todas as épocas, como um dos principais mecanismos moderadores da maior ou menor liberdade de estar despido diante do outro.

No Ocidente contemporâneo, apesar da permissão social de maior liberdade na exposição do corpo, é atribuído ao nu um forte significado relativo à sexualidade e, neste sentido, por concebermos a necessidade de preservação de uma zona de intimidade pessoal que deve se restringir ao âmbito do privado, a moral restritiva prevalece. Em nossos dias, embora moral e lei permaneçam ainda como importantes mecanismos reguladores da nudez pública, a estética passa a assumir, também, importante papel, à medida que estabelece um padrão desejável de corpo, impondo aos que não se enquadram no modelo do 'belo' a necessidade de esconder as suas "imperfeições".

O envergonhamento da nudez, que outrora se assentava unicamente no pudor, não se manifesta mais apenas em termos de 'certo e errado'. Esse constrangimento pelo estar nu, agora, também se manifesta em decorrência de um corpo que não se aproxima dos padrões estéticos impostos pela mídia: novo, magro, definido e saudável. O distanciamento de tal padrão implica numa reprovação social (críticas, risos, isolamento, cobranças), fazendo com que muitas pessoas se utilizem de roupas como um mecanismo de proteção, no sentido de se preservarem dos olhares alheios e de sua inexorável reprovação.

A estética, imposta pela mídia e pelo mercado, assume o papel de delimitar quem pode ou não pode ficar nu e, neste contexto mercadológico, a nudez é sempre um vestíbulo para a sexualidade. Nesta direção, a nudez se torna explícita e desejada, desde que o corpo exibido atenda à expectativa de beleza aceita como padrão. O envergonhamento se dá não por tornar público aspectos que outrora eram diligentemente preservados, mas sim, por não se reconhecer no "corpo midiático" desejável.

No seio de uma sociedade sexualizada a nudez se impõe na mídia, que a ela recorre enquanto mercadoria para ser desejada e "consumida" voyeristicamente, à medida que expõe o que julga ser um belo corpo e como um padrão estético a ser buscado. Diariamente somos inundados pelo nu: revistas, novelas, propaganda, filmes. Recorrem ao nu como uma forma segura de atrair ávidos consumidores, permeando-o de sensualidade. Assim, a nudez na mídia se identifica com sexualidade, como um modo de seduzir e como "mercadoria midiática".

A possibilidade de se desnudar cotidianamente restringe-se a determinados momentos, socialmente aceitos: relação sexual, banho, exame médico; situações estas, quase todas de âmbito privado. Fora delas é reprimida, e, dependendo do contexto, pode implicar em experiências bastante desagradáveis como sanções legais, morais, etc.

Opondo-se a essa perspectiva, o Movimento Naturista entende a nudez como um modo de ser do homem, como uma possibilidade passível de ser partilhada com os outros. Para o Naturismo a questão fundamental da relação homem/corpo não se encontra na exposição desta ou daquela parte do corpo, mas parece centrar-se no significado que é socialmente atribuído à experiência do nu nos ambientes naturistas: a volta à necessidade de aceitação do próprio corpo, independentemente de conformação ao padrão estabelecido pela sociedade em geral.

Posto que o naturista apresenta uma suspensão do pudor e de outras restrições em relação à exposição do seu corpo nu, e à visualização da nudez do outro, ele se permite e permite a prática da nudez coletiva, transcendendo os espaços socialmente aceitáveis, fazendo do nudismo uma experiência do seu cotidiano. Tendo em vista se tratar de uma prática de um pequeno percentual da população, de modo geral provoca espanto e curiosidade, e, não raro, críticas e polêmicas. Não é por sua própria vontade que o naturista na sua prática busca lugares distantes e isolados ou fechados, mas em virtude da proibição legal e moral da sua nudez pública.

Assim sendo, propusemos discutir neste artigo o significado da situação da nudez pública para o praticante do naturismo. Procuramos compreender os sentimentos e o sentido da sua experiência naturista e do seu compartilhamento com os outros e a dos outros com ele.

Nudez e sociedade

Em pouco mais de 50 anos a sociedade transformou radicalmente sua perspectiva em relação ao corpo e o modo de lidar com ele. O corpo passou a ser uma das preocupações centrais das pessoas, ocupando "um lugar central na vida do homem na atualidade, na relação com o mundo e com seus pares" (NOVAES, 2011, pg. 486).

No entanto, a exposição total da nudez corporal ainda é uma questão que provoca muito incômodo e polêmica. Apesar de hoje ser mais aceito e menos reprimido, o ato de despir-se ainda pode ser considerado um tabu, tendo em vista sua forte regulação social:

> O nu ainda é tabu. Tanto que é notícia: basta alguém tirar a roupa em público que prontamente ganha as manchetes dos jornais, sites e revistas... As feministas em protesto, o atleta do calendário e os anônimos em seus retratos banais conseguem atenção porque ficar pelado é algo, no mínimo, digno de nota – isso quando não é caso de polícia. (Editorial, Revista TMP, 2013).

Efetivamente, não é prática cotidiana das pessoas o 'apresentar-se' nu em público, ou relacionar-se com a nudez pública de outrem. Comportar-se deste modo implica em romper com arraigados valores morais, religiosos e legais. O impedimento das práticas de nudez nas relações sociais, não implica, no entanto, que aquela não se faça presente no cotidiano das pessoas. Pelo contrário, diariamente deparamo-nos com inúmeras referências à nudez, principalmente através da TV e mídia impressa.

A sociedade se mostra mais tolerante no que diz respeito à nudez quando esta se apresenta justificada pelas artes e propaganda; mesmo assim, com fortes restrições à nudez frontal e, em especial, à nudez masculina. Um importante elemento que fundamenta essa forte censura à nudez é a identificação dela com a sexualidade e sua vinculação à noção de pecado no ideário judaico-cristão. Essa relação direta da nudez com o sexo e a noção de pecado, insere-se no centro da justificativa para cobrir o corpo nu, além dos aspectos inerentes às questões de proteção e, mais contemporaneamente, aos aspectos relacionados à forma física. Neste sentido, estar nu, no imaginário social, significa uma predisposição para a efetivação de atos sexuais, como também um modo de provocar sexualmente o outro e, para muitos religiosos, um comportamento pecaminoso.

É fato, contudo, que hoje em dia as pessoas possuem maior liberdade para vivenciar uma sexualidade menos atrelada à religiosidade de outrora. Mas, apesar dessa

maior liberdade, o sexo e a sexualidade ainda é uma questão fortemente regulada pela moral e pela lei. O sexo ainda é reservado à ordem do privado, motivo pelo qual ele chama a atenção e pode se constituir numa séria transgressão se praticado no âmbito público – fazendo-se aqui exceção quando limitado a espaços específicos, como por exemplo, boates, internet e nas obras artísticas, nos quais é aceito publicamente, com maiores ou menores ressalvas. Assim, fora dos espaços e situações "próprias" para as práticas sexuais, estas são reprimidas e, à medida que socialmente ocorre a identificação entre sexo e nudez, teremos também a repressão desta última. Como ocorre com o sexo, a possibilidade de apresentar-se nu se restringe ao banho, relações sexuais, situações no âmbito da medicina e do cuidado com a saúde, propaganda e artes de um modo geral.

No Brasil, não é diferente. Historicamente o desnudamento do corpo é, também, acompanhado por sua sexualização; em especial no que se refere ao desnudamento feminino. Saias, shorts curtos e transparências, sungas e biquínis, são usados na medida em que possibilitam maior exibição de belos corpos; buscam atrair olhares e atenção, conquistar admiradores.

> Que imagem de corpo é exaltada na cultura vigente? Seu *status* é adquirido por meio de sua jovialidade, de sua beleza, da aparência de felicidade, de seu poder de atração sexual e, finalmente, do quão longevo parece ser. (NOVAES, 2011, pg. 484).

O aspecto estético, então, entra como um poderoso condicionador da regulação de quem pode ou não se apresentar nu. As pessoas consideradas belas possuem mais liberdade na exposição de seus corpos, sendo estimuladas à exibição pública e, muitas vezes, sexualizada. Não raramente, orgulham-se de serem desejadas e invejadas. Inversamente, os corpos envelhecidos, obesos, deficientes, amputados, muito magros ou que por qualquer outro motivos se distanciam do padrão estético admirado pela sociedade, são rejeitados. Novaes (2011, p. 477) pontua que "em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo – sobretudo o feminino".

Não são poucas as pessoas que, não sendo possível a correção definitiva do seu "defeito corporal", tentam disfarçá-lo ou simplesmente escondê-lo. Comumente são pessoas que são cobradas, especialmente pelos amigos, familiares, cônjuges, no sentido de que emagreçam, frequentem academias ou, de modo mais radical, submetam-se a

cirurgias plásticas, a fim de que adquiram um corpo mais próximo do padrão idealizado pela sociedade.

Felicidade ou infelicidade, no contexto de uma parcela significativa da população, é vivenciada à medida que se possui, ou não, corpos que podem ser exibidos e admirados. Não é insignificante a quantidade de pessoas, especialmente no grupo mais jovem da população, que apresentam insatisfação com seu aspecto corporal, havendo quem apresente sérias dificuldades emocionais a ponto de desenvolverem anorexia ou bulimia, por exemplo.

Denota-se, assim, uma ambiguidade da sociedade no que diz respeito à nudez. Reprimida como um comportamento indesejável, provocando indignação; experimentada como indecência, como uma ofensa aos bons costumes; pecado por subverter o recato, sendo vista como desencadeadora e indutora da sexualidade, promotora de desejos sexuais; sinônimo de sexo. Mas, ao mesmo tempo, buscada, desejada e estimulada em ambientes e contextos mais liberais, transformada em mercadoria, consumida como produto.

Mesmo sendo a nudez uma condição própria e originária do homem, este ainda se debate quanto à sua experiência e ao seu significado. É vista frequentemente como um risco, uma ousadia, constrangimento ou atitude sexual, e, raramente, como um modo de ser natural da condição humana. É como se a nudez não pertencesse ao homem enquanto animal. Talvez possamos dizer, como possibilidade de compreensão desse distanciamento que ao cobrirem a nudez humana, as roupas distanciam o homem da sua condição animal, do primitivo; são como um selo da civilização lembrando-o, diuturnamente, que não pode regredir, retornar ao primitivo. O homem é um animal que se veste, que se debate contra este animal que é.

O naturismo e a proposta da nudez pública

Na década de 50 uma dançarina capixaba, Luz Del Fuego, provocava o imaginário dos brasileiros e "arrepiava" as famílias da época. Escandalizou o país ao propor a criação do Partido Naturista Brasileiro, cujo lema era "menos roupa e mais pão". Duplamente ousada ao confrontar a rígida moral dos "anos dourados" com a proposta da prática da nudez pública e coletiva, bateu de frente com a noção de pudor que via o nu como um grande tabu. E não menos subversiva, por se tratar de uma bandeira levantada por uma mulher, contrariou os rígidos preceitos de uma sociedade

machista que reservava às mulheres os papéis de esposa, mãe e dona de casa, preferencialmente recatadas e castas.

Luz Del Fuego, nascida Dora Vivacqua, é considerada a fundadora do movimento naturista no Brasil que, por ironia, constitui-se predominantemente de homens. Luz, como era conhecida, no início dos anos 50 se apresentava como dançarina, nua e envolta com cobras. Fundou o Movimento Naturista Brasileiro e o Clube do Sol, que se situava numa ilha, na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, onde a nudez total era obrigatória para todos.

Para Luz (1994), "um nudista é uma pessoa que acredita que a indumentária não é necessária à moralidade do corpo. Não concebe que o corpo humano tenha partes indecentes que se precisem esconder". Não entendia a nudez como imoral, imprópria ou um problema. Defendia que as pessoas podiam conviver nuas, exceto quando o clima se constitui num impedimento. Não tinha pudor em se apresentar despida diante de qualquer pessoa ou em qualquer lugar. Pensava a prática nudista enquanto movimento organizado, recaindo sobre si a primazia da organização do naturismo no país.

O naturismo é entendido como "um modo de vida em harmonia com a natureza, caracterizado pela prática da nudez social, que tem por intenção encorajar o auto-respeito, o respeito pelo próximo e o cuidado com o meio ambiente". (TELLES, 2013, pg. 21). Trata-se de uma definição estabelecida pela Federação Internacional de Naturismo, organização representativa do Movimento Naturista em nível internacional, adotada pela Federação Brasileira de Naturismo, representante dos naturistas brasileiros organizados.

Considerado pelos seus praticantes como um estilo de vida, o naturismo propõe a prática da chamada "nudez social" como um caminho para o bem estar pessoal, para relações interpessoais harmoniosas e a busca pela preservação do meio ambiente. Segundo Telles (2013, p. 27):

> O naturismo favorece a aceitação de si próprio proporcionando uma tranquilidade diante de nossos defeitos. Passamos a reconhecer nossas imperfeições e psicologicamente nos tornamos melhores, menos obsessivos, assim criamos condições mais propicias para entendermos o significado da palavra "respeito".

Trata-se, pois, segundo a compreensão acima, de uma prática que, regularmente experimentada, possibilita aos seus praticantes ressignificações no contexto da subjetividade e das relações do sujeito com as outras pessoas e com o mundo. Temos

então que não se constitui, de acordo com os naturistas, de um mero ato de despir-se, de livrar-se das roupas, mas de um movimento interno promovendo mudanças no sujeito e no seu modo de existir.

Observa-se, assim, no discurso naturista, um empoderamento do corpo, substituindo os sentimentos de vergonha e constrangimento, da sua negação, da necessidade de escondê-lo e da correção de suas imperfeições. Entende-se que o corpo passa a ser assumido sem preocupações morais ou estéticas, proporcionando, segundo os defensores do naturismo, uma sensação de liberdade com elevação da autoestima.

Nesta perspectiva, transcende à mera transgressão da proibição da nudez em público; não se trata simplesmente de ir ao encontro de uma regra social estabelecida. A prática da nudez cotidiana, especialmente quando coletiva, é entendida como uma ação capaz de promover mudanças nos valores e atitudes das pessoas.

> Percebi a dimensão libertadora da nudez social. Libertadora porque contribuiu, primeiramente, para um processo de reconhecimento e aceitação pessoal, o que alterou estruturas internas, psicológicas. Ao me aceitar com todas as marcas que me constituem e me apresentam aos olhos do outro, nego a este outro o direito de me envergonhar, porque não há corpo que não carregue sua parcela de "graça" e "desgraça" (COSTA, 2013, pg. 207).

As roupas assumem um significado que expressa, de acordo com a perspectiva dos adeptos do naturismo, uma opressão da sociedade sobre as pessoas, tendo em vista que elas são obrigadas a se vestirem de acordo com as determinações sociais, que impõem as ocasiões nas quais as pessoas podem se despir; padrões estéticos e os preceitos da moda, que estabelecem o que os indivíduos podem ou não podem vestir.

O movimento naturista se opõe à imposição social da necessidade imperiosa de um corpo perfeito como condição básica da felicidade. Entende que os aspectos estéticos do corpo humano não podem ser empecilhos para uma boa autoestima dos sujeitos. A convivência de múltiplas formas corporais promove, na perspectiva naturista, maior aceitação de si e dos outros e abertura para aceitação e convivência com as diferenças. De acordo com Costa (2013, pg. 206), a ousadia do naturismo "parece maior quando se trata de corpos que a sociedade classificou como 'defeituosos ou deficientes'".

Para alguns naturistas, despir-se das roupas implica, também, em libertar-se dos valores da sociedade capitalista, da ideia de competição, do consumo desenfreado, de uma estética corporal opressora, do entendimento de que a natureza está a serviço do homem.

> A Colina do Sol traduz-se em inovação, através da redução de gastos por meio de hábitos simples e corriqueiros. Com tópicos relevantes numa comunidade que usa o corpo nu como frente à negação do consumismo exacerbado, contrapondo a cultura do tudo descartável, revela-se a oportunidade do corpo nu como fonte de vida, como um veículo de passagem terrestre. "Dizer não ao consumismo já é uma vitória!" (entrevistada Candinat) (ARRIAL, 2009, p. 544).

O corpo nu, nas relações naturistas, constitui-se em um caminho que possibilita a emergência de relações igualitárias, na medida em que os objetos externos de diferenciação desaparecem. De modo geral nas práticas nudistas, marcas, sinais externos de valor ou indicativos profissionais e sociais são poucos explícitos, ou inexistentes, igualando socialmente, segundo os naturistas, as pessoas quando da partilha da nudez coletiva, conforme ressalta Telles, citando K. Bacher (2009, p. 92): "quando a barreira artificial da roupa é abolida, a classe social e o status desaparecem. As pessoas começam a relacionar-se umas com as outras como são e não como parecem ser".

Uma das maiores preocupações dos naturistas se traduz na constante afirmação da distinção entre sexo e nudez. Sem negar o aspecto da sexualidade no contexto naturista, defende que a prática da nudez não implica em práticas sexuais. Conforme coloca Rego (1992, p. 102), "a nudez tem outros significados para os naturistas, diferentes do significado do sexo".

> Este "ressignificar" a nudez pode ter, às vezes, um sentido de descanso dos apelos sexuais, ou até de rebeldia contra a sociedade altamente sexualizada, lá fora, onde a nudez e o erotismo andam sempre juntos na corrida pelo markenting; acompanhando desde propaganda de cigarros, até em comerciais de rodas de caminhão (REGO, 1992, pg. 110).

Trata-se de uma questão que sempre acompanha os debates e os questionamentos da prática naturista, com a própria Luz Del Fuego tentando desmistificá-la ao afirmar que "não há maior erro promulgado do que este: que a exposição natural do corpo nu provoque erotismo. Justamente ao contrário pode ser demonstrado diariamente" (AGOSTINHO, 1994).

A sexualidade no contexto naturista é entendida como um aspecto natural da condição humana, que não se vincula ao estado de nudez das pessoas. As práticas naturistas não implicam num estimulo da sexualidade entre os praticantes, tendo em vista que o ambiente naturista subverte a relação socialmente estabelecida entre nudez e

sexo. Mary del Priore (2011, pg. 131), discorrendo sobre a história do naturismo coloca que:

> o naturismo via no nu uma forma de revitalizar o físico e respeitar o planeta. A ideia era a de dessexualizar o nu, pois, realizando pelado todas as atividades cotidianas, o naturista banalizava a nudez, instaurando igualdade e simplicidade na relação com os outros.

Ideia ainda corrente no meio naturista,

> há no naturismo uma purificação das forças da vida. A nudez integral, como ela é praticada é casta. E é sempre a primeira surpresa dos recém-chegados perceberem que nada ocorre de especial. Pode-se considerar o naturismo como uma prática re-educadora (MICHLE CAILLAND in TELLES, 2013, pg. 212).

Cientes das fantasias que o nudismo grupal provoca no imaginário social, e buscando garantir a ausência de conotações sexuais nas vivências em estado de nudez, o movimento naturista estabeleceu rígidas regras de convivência entre os nudistas buscando assegurar um clima de convívio familiar nas suas reuniões/encontros, sendo considerada falta grave "ter comportamento sexualmente ostensivo e/ou praticar atos de caráter sexual ou obscenos nas áreas públicas" (FBrN).

Os naturistas reconhecem tratar-se de uma prática polêmica gerando acaloradas discussões, desconfianças e questionamentos. No entanto, entendem que isto se deve ao preconceito e desconhecimento do que realmente é o movimento naturista, da sua filosofia e dos seus princípios, considerando que a sociedade se apresenta resistente em dissociar a nudez do sexo e a sua apropriação pela sociedade capitalista enquanto mercadoria.

Neste contexto temos, então, o contraponto de uma sociedade que reprime a nudez, regulada por diversas instâncias como normas morais e a lei, mas que contraditoriamente a transforma num espetáculo, numa mercadoria, em contraposição de um movimento naturista que vê esta mesma nudez como natural e libertadora, concebendo-a com outros significados diferentes do meramente sexual.

Metodologia

O presente trabalho constitui-se numa pesquisa exploratória, de caráter qualitativo, realizada na comunidade naturista Ecovila da Mata, localizada no município de Entre Rios-BA, utilizando-se da entrevista aberta para a coleta de informações.

Foram entrevistados 10 componentes do GANA – Grupo Naturista Amigos da Natureza, com sede na referida comunidade, sendo 5 mulheres e 5 homens. Para seleção dos entrevistados adotamos como critérios de escolha a prática habitual do naturismo e o mínimo de um ano de experiência naturista. Apresentam idades que variam de 20 a 70 anos, tendo de 1 a 15 anos de naturismo.

A metodologia consistiu na aplicação de oito questões abertas, sendo que duas perguntas denominamos de "disparadoras", objetivando apreender as significações da prática naturista para os sujeitos; e seis perguntas denominamos de "contextualizadoras", que objetivavam acessar os respectivos contextos das experiências do naturismo.

Resultados e discussão

Dificuldade de tirar a roupa e sentimento de vergonha são relatados pelas naturistas em suas primeiras experiências de nudez coletiva. Das cinco mulheres entrevistadas, quatro relataram envergonhamento e de ter sido difícil se despirem diante de outras pessoas; diferentemente dos entrevistados do sexo masculinos que confessaram não terem tido dificuldades em se apresentarem nus diante dos outros. Para eles significou a satisfação de uma curiosidade, de terem tido a possibilidade de experimentar uma prática considerada tabu pela sociedade.

> (F1) Sabe... disfarçadamente, com as mãos, gestos, me cobrindo porque tava... tava com vergonha.
>
> (F4) Quando eu fui pra praia a primeira vez eu achei diferente, eu achei... é difícil. Foi muito difícil pra mim.

> (M8) Fomos num... nesse clube, e no clube as pessoas tiravam a roupa muito naturalmente; o marido e a filhinha tiraram e eu me senti muito à vontade; também tirei e a partir desse momento comecei a encarar como algo... algo normal e tranquilo.

Essa diferença de percepção entre homens e mulheres pode ser explicada como decorrente de uma educação mais liberal em relação à exibição do corpo para os meninos, o que não ocorre com as meninas que já em tenra idade são educadas para se cobrirem. Outra explicação poderia ser a grande exigência social de um corpo perfeito, por parte das mulheres, implicando, muitas vezes, numa obsessiva busca por um corpo

sem celulites, estrias, barriga sarada dentre outros aspectos, e que a ausência destes faz com que a mulher se sinta fora do padrão aceitável, gerando um intenso desconforto, especialmente quando confrontada com o olhar de outras mulheres.

Também encontramos diferenças entre homens e mulheres, em relação ao ingresso no meio naturista. No caso dos homens aconteceu de forma voluntária, por curiosidade ou interferência de terceiros; no caso das mulheres, à exceção de duas entrevistadas, ocorreu por insistência do parceiro e contra a sua própria vontade, como podemos perceber nos depoimentos abaixo:

> (F1) Quando eu cheguei lá que eu vi as pessoas sem roupa... eu... um choque. Eu disse: tu me trouxe... ai, aqui na praia. Aí eu fiquei brava, fiquei muito brava... fiquei chateadíssima.
>
> (F6) Aí insistiu pra que eu fosse, que eu venha e eu sempre tentei remanchar pra não (xxx) ao máximo; tentei de todas as formas burlar.
>
> (F4) Minha primeira não foi muito legal. Foi na praia do "Pino", lá em... no sul; o meu marido queria ir e eu não.

No entanto, apesar de as experiências iniciais no meio naturista acontecerem, para algumas mulheres, de modo não prazeroso e nem motivadas por um desejo pessoal, demonstram, no presente, à exceção de uma entrevistada, uma identificação com a prática naturista. Apresentam o mesmo discurso do parceiro, superando a rejeição inicial ao naturismo, assumindo-se como autênticas naturistas. A nudez adquiriu uma nova coloração, superando as dificuldades iniciais, constituindo-se numa experiência pessoal significativa.

> (F1) É um prazer, como vestir uma roupa que eu gosto, eu despir as roupas.
>
> (F8) Sem ter medo de... sem ter barreiras, sem ter máscara nenhuma.
>
> (F4) Sensação de liberdade muito grande.

Os resultados sugerem, neste sentido, que a nudez passou, a partir da prática habitual do naturismo, por um processo de ressignificação pelo sujeito praticante, o que pode ser evidenciado pela diversidade de significações para a prática do naturismo atribuídas pelos entrevistados. Dentre estes significados, três deles se sobressaem em virtude do seu aparecimento em diversas falas, revelando constituírem-se em elementos recorrentes na vivência do nudismo de parcela significativa dos entrevistados. Tais aspectos se referem a 'si mesmo', à 'relação com o outro' e à 'relação com a natureza'.

Uma das falas que mais se destaca no que diz respeito ao significado da prática naturista, entre os entrevistados, consiste no aspecto relativo a si mesmo. De acordo

com os depoimentos coletados, experienciar o naturismo significou, para elas, mudanças em seus modo de ser, seja em relação a si mesmo, seja na maneira de ver ou lidar com os outros.

> (F1) Eu me tornei uma pessoa mais aberta, mais fácil; não tão fechada em relação ao outro.
>
> (M3) Uma possibilidade de eu agilizar o meu processo de mudança.
>
> (M2) Me traz identidade enquanto pessoa.

De acordo com os depoentes, praticar o naturismo significou uma mudança na relação com as pessoas, no modo de percebê-las e de lidar com as mesmas. Relatam maior proximidade e respeito ao outro, incluindo uma relação de cuidado. Tal mudança acontece em função do outro se mostrar, segundo eles, verdadeiramente, sem máscaras, revelando-se.

> (M5) Eu sinto mais as pessoas ao natural.
>
> (F1) A gente aprende a ver a pessoa pelo que ela é.
>
> (F6) E saber a quem, com quem você lida.

A relação com a natureza é um aspecto importante na constituição do significado para quase metade dos naturistas entrevistados. Suas falas trazem uma identificação com o ideário naturista, na medida em que a relação com a natureza se insere na vivência nudista. Aparece, também, uma perspectiva de proteção e convivência, incluindo visão holística de pertencimento à natureza.

> (F10) Compreender que apesar das diferenças, que todos temos, não só físicas como comportamentais também, mas que tudo faz parte da natureza.
>
> (F9) Então é uma junção, eu acho, da... do cuidado com a natureza, do cuidado com o próximo.
>
> (F4) É, conviver com a natureza. É, é, preservar a natureza.

Considerando as respostas dos depoentes, relativas ao significado de suas experiências naturistas, tais falas nos levam à compreensão de que, possivelmente, a prática naturista para essas pessoas, à exceção de uma, propiciou uma abertura a novas possibilidades de ser e de compreender as pessoas, implicando em transformações pessoais. Isto, no nosso entendimento se deve, provavelmente, ao fato de que ao enfrentarem um forte tabu social, tais pessoas se confrontaram com suas interdições e valores, proporcionando uma ressignificação destes, permitindo-lhes superarem as dificuldades iniciais.

Um aspecto importante, que surge nas falas, consiste na ideia de que ao se despirem as pessoas também se despem de suas máscaras sociais, revelando-se autenticas nas suas relações umas com as outras; daí estabelecem relações fundadas na confiança mútua, partindo do pressuposto que a nudez em si mesma proporciona, que as pessoas se revelem autenticamente nos seus relacionamentos naturistas. Provavelmente tal compreensão remete ao sentido da nudez mítica do paraíso, na qual a mesma se apresenta pura e ingênua, desvinculada da sexualidade e integrada à natureza, em contraponto a uma sociedade tecnológica e concorrencial.

Conclusão

As limitações deste artigo não permitiram maiores aprofundamentos da questão discutida: o significado da experiência naturista. No entanto, permitiu-nos apreender, considerando as falas dos entrevistados, algumas respostas que talvez, resguardadas as devidas proporções, possam ser generalizadas para uma parcela bastante ampla do conjunto dos praticantes do naturismo. As respostas obtidas neste trabalho remetem à compreensão de que o significado da experiência naturista, para os entrevistados, consiste na ressignificação de valores e práticas, levando-os a uma mudança de atitude em relação a si, ao outro e à natureza.

Trata-se de uma primeira resposta à questão colocada, mas que necessita de maior aprofundamento na tentativa de melhor compreensão de uma prática contemporânea e polêmica.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Cristina; PAULA, Branca de: BRANDÃO, Maria do Carmo. *Luz Del Fuego. A bailarina do povo.* São Paulo: Editora Best Seller, 1994.

ARRIAL, Luciana R. *O naturismo tal como ele é praticado na Colina do Sol-Taquara/RS*. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 23, julho a dezembro de 2009.

COSTA, Viegas Fernandes da. Sobre a nudez social In TELLES, Evandro (org.). *Naturismo: um estilo de vida transformador*. Vitória: Gráfica Espírito Santo, 2013.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas – sexualidade e erotismo na história do Brasil.* São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2011.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE NATURISMO. Código de ética. http://www.fbrn.org.br/?page=codigoetica. Acesso em 20.05.2014.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In DEL PRIORE, Mary e AMANTINO, Márcia. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

REGO, Márcia Souza. *O nu e o vestido. Uma etnografia da nudez na praia do Pinho.* Florianópolis: UFSC – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1992.

REVISTA TPM. *Editorial*. São Paulo: Tripeditora, Edição 128, fevereiro, 2013.

TELLES, Evandro (org.). *Naturismo: um estilo de vida transformador*. Vitória: Gráfica Espírito Santo, 2013.

_____(org.). *Verdades que as roupas escondem. Uma coletânea de artigos naturistas.* Vitória: Rd. do autor, 2009.

Nota

[1]E-mail: fernandopsi@uol.com.br.

Aracaju, junho de 2014